A PESSOA SURDA NO CONTEXTO DA FAMILIA OUVINTE:

Implicações do (não) lugar da Libras no processo de interação

Arlinda Pereira da Silva Menezes
José Givaldo de Souza
Adailton Ramos da Silva
Duane Emília da Nóbrega Salviano

A PESSOA SURDA NO CONTEXTO DA FAMÍLIA OUVINTE: implicações do (não) lugar da Libras no processo de interação

Capa: Adailton Ramos da Silva

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER

CDD 410

Menezes, Arlinda Pereira da Silva [et al.]. **A pessoa surda no contexto da família ouvinte: implicações do (não) lugar da Libras no processo de interação.** / Arlinda Pereira da Silva Menezes. José Givaldo de Sousa. Adailton Ramos da Silva. Duane Emília da Nóbrega Salviano.Campina Grande-PB: GEASE, 2023**.**

76 p.
Livro digital
ISBN: 978-65-00-85215-8

1. Pessoa surda. 2. Família ouvinte. 3. Implicações. I. Título. II. Autores.

A educação [...] tem que desaprender um grande número de preconceitos, entre eles, o de *‘querer fazer do surdo um ouvinte’*.

Gládis Perlin
[Primeira professora doutora surda no Brasil]

Introdução

Em toda atividade humana há um processo de comunicação, e em toda comunicação há um objetivo de trocas de ideias e informações que são estabelecidas entre os interagentes dessa comunicação. Nesse contexto, é de extremo valor o conhecimento de uma língua que possa proporcionar interação compartilhada entre dois ou mais seres, já que é por intermédio da comunicação que o ser humano se socializa.

No caso dos surdos brasileiros, que estão inseridos na comunidade surda e têm uma língua de sinais desenvolvida, podemos destacar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como fundamental no processo de socialização e comunicação humana, visto que é através dela que os surdos conseguem interagir em seus grupos sociais.

A comunicação envolve troca de informações, o que torna necessário um interlocutor para que haja a interação, ou seja, a transmissão da mensagem entre o emissor e o receptor.

Entretanto, é possível encontrar casos de surdos que nascem em famílias ouvintes e que não encontram esse espaço de interlocução, devido ao desconhecimento da Libras, fato que pode gerar um certo desconforto e mal-estar para esses surdos.

Barbosa (2011, p. 5) afirma que "é a família que proporciona os aportes afetivos e, sobretudo materiais

necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes”.

Portanto, conhecer o contexto comunicativo de um surdo, e como se dá a interação desse sujeito com sua família, caracterizando e descrevendo possíveis dificuldades de comunicação entre eles mostra-se como um elemento fundamental para nosso estudo.

Nesse contexto, a língua brasileira de sinais ganha valor fundamental, uma vez que o “diálogo familiar é de suma importância” (GOMES, 2020 p. 29). A autora aponta essa necessidade, visto que, o ser humano necessita expressar seus princípios e qualidades, seus desejos de realização, expor sua própria opinião e convicção, mesmo porque o estudo da ciência humana já descreve que para a humanidade progredir e desenvolver suas ações, é necessário relacionar-se pelo diálogo.

Refletido primeiro por Sócrates e, depois, por Platão “o diálogo é o processo de busca da verdade” (SCOLNICOV, 2015, p. 53). Platão também acreditava que o diálogo era a única forma de se descobrir a própria alma. Assim, a comunicação se faz necessária ao comportamento humano, tornando-se instrumento cultural na formação social. O referido autordescreve também que o filósofo Sócrates nos faz notar que, “só o conhecimento pode ser aprendido” (SCOLNICOV 2015, p. 55).

Nesse contexto, a interação é favorável, traz benefícios experienciais e auxilia a aquisição de conhecimentos para a constituição dos sujeitos e construção da sociedade.

A Libras, embora sendo a base e o meio de comunicação e expressão visual do surdo, conforme assegura a Lei 10.436/02, ainda não é tão extensiva à sociedade, ou seja, não é tão conhecida e acessada pelos diferentes grupos sociais, o que pode causar dificuldades de interação e gerar incompreensão no processo comunicativo por parte de alguns familiares ouvintes do sujeito surdo, bem como no processo de desenvolvimento cognitivo da pessoa surda.

Essa situação pode ser encontrada em famílias de surdos que moram no interior e zona rural dos estados, tornando a interação bem mais complexa e proporcionando que os surdos sejam esquecidos ou mesmo excluídos das experiências interacionais no seio familiar.

Por outro lado, quando não há conhecimento da língua gestual-visual (nesse caso a Libras), também é comum que os membros da família ouvinte utilizem recursos próprios, sinais caseiros (gestos) criados por eles e pelo surdo não usuário da língua de sinais, na direção de estabelecer uma forma de comunicação para, de algum modo, interagirem. Esses tipos de sinais, criados para este fim, são conhecidos também como sinais emergentes.

De acordo com Vilhalva (2012, p. 137-138), "os sinais emergentes foram criados devido a uma necessidade de comunicação, passando por sinais indicativos, icônicos e arbitrários".

Em alguns casos há surdos que, por se sentirem ignorados, desprezados, costumam se auto-definir como indivíduo estranho, diferente, podendo apresentar um

sentimento de tristeza, angústia, tensão nervosa e isolamento e, ainda, ansiedade e depressão.

Outro aspecto que cabe ressaltar diz respeito ao fato de, pela falta de conhecimento e domínio da língua de sinais por parte da família, o surdo pode sofrer dano no seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Ou, ainda, pode frequentar uma escola regular, sem estrutura de atendimento à pessoa surda, e em consequência não alcançar um bom desenvolvimento cognitivo e educacional.

A esse respeito Reis (1997, p. 23) observou, em seus estudos com pais, que "o que mais os angustia com relação ao filho surdo não é a surdez, mas as dificuldades comunicativas acarretadas por esta".

Dessa forma podemos entender que os conflitos e problemas que envolvem pessoas surdas e seus familiares podem ser amplos e diversos; desde a falta de comunicação e interação,à não aceitação de sua criança surda; gerando, como forma de proteção e amparo, o isolamento dessa criança na sociedade.

Nesse contexto, o contato tardio com a língua brasileira de sinais se constitui como uma experiência não positiva. A aquisição de linguagem pela criança surda pode sofrer atraso e ela ficar em desvantagem em relação às crianças que adquirem linguagemnaturalmente (COLDFIELD, 2002).

Diante do exposto, questionamos como ocorre a comunicação entre surdos e familiares que não conhecem a Libras e quais suas implicações no processo de interação? Temos como objetivo geral, nesse trabalho de pesquisa,

investigar como se dá a comunicação entre surdos e familiares que não conhecem a Libras e suas implicações no processo interativo. Para alcançaresse objetivo, pretendemos:

1) Verificar o nível de conhecimento e uso da Libras entre os membros da família;

2) Examinar as implicações da (não) utilização da Libras no processo comunicativo;

3) Descrever e analisar as falas dos membros surdos em relação às interações (ou falta delas) na família.

Partimos do pressuposto de que, sem uma língua compartilhada entre surdos e familiares, a comunicação e, consequentemente, a interação podem se mostrar difíceis e causar atrasos no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da pessoa surda. Também consideramos que, em alguns casos de famílias ouvintes com filhos surdos, a comunicação se baseia em gestos, fato que pode comprometer a compreensão e a interação entre ambas as partes.

Sendo assim, para atender aos objetivos propostos nesse estudo desenvolvermos uma pesquisa qualitativa e exploratória, através de uma pesquisa de campo, envolvendo duas pessoas surdas de contextos familiares distintos, uma do sexo feminino e outra do sexo masculino, para saber se há dificuldades nesse processo de interação da pessoa surda.

Para isso, realizamos questionários e entrevista gravada em vídeo, que proporcionaram o conhecimento sobre como se dá a interação entre os membros da família, se há dificuldades nesse processo e, havendo, quais as maiores dificuldades enfrentadas.

A intenção foi desvendar os desafios comunicativos entre os surdos e seus familiares e se isso trouxe consequências para o desenvolvimento da pessoa surda.

Esse estudo justifica-se pelo fato de o sujeito surdo ter como principal contexto para a comunicação a família, sendo ela a responsável por desempenhar a função de motivar, de cuidare introduzir o sujeito na sociedade.

Diante da necessidade de interação dentro do lar entre umafamília ouvinte e o filho surdo, destaca-se que é premente na família acrescentar a aprendizagem da Libras, para que venha a se fortalecer um eixo de socialização dentro do lar, tendo o ato de compartilhamento de informações como elemento fundamental para estimular o surdo a se encontrar através da percepção e imaginação de linguagem, desenvolvendo sua cognição e exaltando suas emoções.

Consequentemente, crianças surdas, filhas de pais ouvintes, enfrentam dificuldades para se relacionar com os integrantes do lar, caso não haja a influência da língua de sinais, o que interfere, desfavoravelmente, em seu desenvolvimento linguístico.

Nesse termo, implica-se a necessidade de estimular o processo de aprendizagem da Libras no lar das famílias ouvintes que têm filhos surdos. Para que essas famílias venham sentir esse avivamento, é fundamental que haja uma motivação de integrantes dessa língua, que possa transmitir o conhecimento a esse grupo familiar, e assim, essa cultura linguística seja favorável entre as partes que vivem essa implicação de processo de interação.

O interesse que despertou o tema desse trabalho partiu da experiência pessoal vivenciada na igreja, que possibilitou o convívio com surdos nascidos em famílias ouvintes. Essa experiência trouxe uma inquietação emocional, por presenciar a necessidade de comunicação de um jovem surdo com sua família ouvinte.

Uma situação que causou motivação para pesquisar essa temática foi perceber a expressão de tristeza de um dos sujeitos surdos dessa pesquisa. A partir dessa percepção, foi necessário incluir na pesquisa outra família ouvinte com uma filha surda, para verificar se havia recorrência ou não de sentimentos, interesses, dificuldades etc.

No transcorrer de algumas leituras surgiu a ideia de analisar essa problemática com base na literatura produzida na área. Assim, as reflexões e inspirações para compreender e discutir melhor essa temática vieram através de autores como: Reis (1997), Quadros (1997), Gianotto e Marques (2016), Vilhalva (2012) e Strobel (2008).

O que também contribuiu para amadurecer essa ideia, foi vivenciar a problemática da pesquisa em um momento de trabalho de grupo no lar de um dos colegas surdos do curso de Letras Libras, de família ouvinte, que utilizou gestos no momento da comunicação e não a língua de sinais propriamente dita.

Essa ação despertou a intenção de incentivar as famílias ouvintes que têm filhos surdos, sobre a importância de adquirir o conhecimento da Libras para poderem interagir com seus filhos, trazendo para essas a realidade do momento

triste e complexo do filho surdo quando não alcança a compreensão nem é compreendido.

Algumas famílias acham que esse comportamento de adversidade do sujeito surdo é natural. Na visão delas, o filho tem uma deficiência, basta apenas protegê-lo da sociedade que tudo ficará bem. Não captam que o surdoé um ser capaz, que pode desenvolver suas ações se houver uma interação entre as partes.

Situando a história da educação dos surdos e a língua de sinais

No Brasil, a história da educação das pessoas surdas origina-se com a chegada do professor surdo francês Hernest Huet, que trabalhava com a educação de surdos na França utilizando língua de sinais e veio para o Brasil atendendo ao convite de D. Pedro II.

O imperador visou fundar a primeira instituição de surdos no Brasil, pelo fato de ter um neto surdo, filho da princesa Isabel com Gastão, Conde D'Eu que tinha surdez parcial. Assim sendo, o professor francês fundou o Imperial Instituto Nacional de Surdos-Mudos, por meio da Lei 839 de 26 de setembro de 1857, no Rio de Janeiro, atualmente conhecido como Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES.

A metodologia francesa usada inicialmente por Ernest Huet no INES envolvia uma proposta de disciplinas com ensino de linguagem escrita e falada, com o uso de datilologia e sinais, conhecida como bimodalismo.

O ensino tinha duração de seis anos e era oferecido a alunos surdos, na idade de sete a dezesseis anos. A disciplina "Leitura sobre os Lábios" era replicada apenas para os que tivessem habilidade para desenvolver a linguagem oral. Para

os que não tinham condições de serem oralizados, era desenvolvida uma metodologia diferenciada.

Nesse contexto, ocorreu o primeiro contato dos surdos brasileiros com a Língua de Sinais, trazida pelo francês Ernest Huet, e seu ensinamento fez com que a Língua de Sinais se expandisse pelo Brasil.

Durante muitos anos, famílias privilegiadas da América do Sul, com integrantes surdos, viajavam até o Brasil para conhecer o INES e proporcionar educação aos seus familiares. Porém, no ano de 1880, no congresso de Milão, foi tomada uma decisão por um grupo de pessoas ouvintes que eram contra o uso de língua de sinais e a favor do oralismo, o que ocasionou a proibição do uso de língua de sinais.

Eles acreditavam que o método com leitura labial era o mais indicado para educar os surdos, o que trouxe grande impacto para a comunidade surda no Brasil e no mundo. Apesar dessa consequência, os surdos continuaram se comunicando entre si em língua de sinais.

Essa tendência teve continuidade em nosso país até aos anos 1970 e 1980, quando o Brasil apoiou a Filosofia da Comunicação Total juntamente com outros países. Uma tendência educacional que unia o oralismo com a língua de sinais.

Nessa perspectiva, compreendia-se que seria melhor para os surdos se comunicarem através da fala, dos sinais e da escrita, desde que conseguisse se comunicar, de algum modo, com as pessoas ouvintes. Logo, essa proposta também não estava preocupada com a valorização da língua enquanto fator

cultural e identitário das pessoas surdas. Logo, também não contribuiu com o avanço no processo de ensino desses sujeitos.

Nesse contexto, em 1983 é criada no nosso país a Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, o que aflorou a posição em que a Filosofia da Comunicação Total deveria ser substituída pelo Bilinguismo para Surdos. Essa perspectiva, como o próprio nome indica, contribuiu para se pensar a pessoa surda como um sujeito bilíngue, que tem a língua de sinais como sua primeira língua e a língua majoritária de seu país como segunda língua.

A partir dessa proposta, passou-se a refletir sobre a importância da língua de sinais no processo educativo e na necessidade do desenvolvimento de metodologias específicas de ensino de segunda língua na modalidade escrita dessa língua majoritária, que no caso do Brasil é o Português, sendo a Libras a língua natural da comunidade surda brasileira.

A comunidade surda brasileira teve uma grande conquista com a promulgação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, determinando que a Libras deve ser reconhecida como meio legal de comunicação e expressão dessa comunidade e que o poder público deve fornecer meio para o uso e difusão da Libras no Brasil.

Na esfera educacional, a educação brasileira foi reconhecida como um direito na Constituição de 1988, o que deu passagem para que leis fossem regulamentadas ocasionando o acesso do surdo a uma educação pública de qualidade.

Dessa forma, o aluno surdo ficou garantido, por lei, o direito de um acompanhamento especializado em sala de aula. O estatuto de leis reconhecendo a Libras e os direitos da comunidade surda brasileira é vultuoso, contribui para assegurar a inclusão da comunidade surda.

Esse contexto histórico representa uma grande vitória aos surdos trazida por Huet ao Brasil. Contudo, apesar da conquista e desenvolvimento da Libras, até então, existe um certo conflito contra uma língua que não tem como modalidade ser oral-auditiva e sim gestual-visuale expressiva.

Ainda podemos ver uma história de lutas e entraves do surdo para defender a suacultura, a sua língua, como forma de comunicação no lar e na sociedade. Todavia, essas pelejase conquistas do surdo traz uma cultura rica de saberes. A esse respeito, Strobel (2008) define que:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim detorná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008, p. 22).

A ideia apresentada por Strobel (2008) evidencia que a língua é o principal elementode definição da cultura e da identidade de um povo, logo, as pessoas surdas vivenciam e significam o mundo, por intermédio da língua de sinais, no caso dos surdos brasileiros, pelaLíngua Brasileira de Sinais - Libras.

Embora sendo a base e o meio de comunicação e expressão visual do surdo, conforme assegura a Lei 10.436/02, a Libras ainda não é tãoextensiva à sociedade, ou seja, não é tão conhecida e acessada pelos diferentes grupos sociais.Essa realidade pode causar dificuldades de interação e gerar incompreensão no processo comunicativo por parte de alguns familiares ouvintes do sujeito surdo, bem comono processo de desenvolvimento cognitivo da pessoa surda.

Para suprir tais dificuldades, os surdos que ainda não utilizam a língua de sinais desenvolvem uma linguagem própria para tentar estabelecer, minimamente, trocas comunicativas com seus familiares, conforme abordaremos no próximo tópico.

A língua como fator de inclusão social e os sinais emergentes

Atualmente, com os processos de inclusão no Brasil, “visando resgatar o respeito humano e a dignidade, no sentido de possibilitar o pleno desenvolvimento e o acesso a todos os recursos da sociedade por parte desse segmento” (MACIEL, 2000, p. 51), e a adaptação de algumas famílias à comunicação no ambiente familiar por meio da Libras, adotando-a como segunda língua e em alguns casos com o acréscimo ainda da leitura labial pela pessoa surda, a comunicação se estabelece para o pleno desenvolvimento do sujeito (social, educacional, afetivo, cognitivo e psicológico), pelas inter-relações que passam a se estabelecer (OLIVEIRA et at., 2004; CHIELLA, 2007).

Nesse contexto, existe uma necessidade de linguagem social, portanto é propício à inter-relação entre as partes, para se distribuir afetividade cognitiva, trabalhando o comportamento psicológico, podendo-se construir a ação do conhecimento social, no ato de socializar-se, integrando-se a compreensão. Borsa (2007, p. 1) cita que:

> A socialização é um processo interativo necessário para o desenvolvimento, através do qual a criança satisfaz suas necessidades e assimila a cultura ao

> tempo que, reciprocamente, a sociedade se perpetua e desenvolve. Esse processo inicia-se com o nascimento e, embora sujeito a mudanças, permanece ao longo de todo o ciclo vital.

Conforme o autor, o ato de socializar-se é necessário para que o indivíduo se integre numa interação dando continuidade a novos conhecimentos.

A dificuldade na família ouvinte com filho surdo é vivenciada com a carência de comunicação dentro do lar, principalmente pela falta de conhecimento da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. A falta de interação traz como consequência problemas emocionais na vida de alguns surdos, tais como tristeza, angústia e ansiedade, podendo gerar uma baixa estima.

Para que haja um processo de comunicação entre as partes, sem que se conheça ou faça uso da Libras, é comum que se criem gestos. Para os pais ouvintes é normal que a compreensão e interação com seu filho surdo se dê através de gesto, que passa a ser um escapepara um contato dentro do lar. É possível notar que, para alguns pais, é mais fácil criar sinais para uma interação com o filho do que a aprender a língua de sinais.

Nesse nível de incompreensão, ignoram que a Libras é a língua materna do surdo. Esse entrave e desapreço pela língua causam grandes prejuízos para o surdo, como a exclusão deste na sociedade e o atraso no seu desenvolvimento cognitivo.

A família ouvinte precisa entender que o filho surdo necessita de uma interação com o meio social, que deve ser iniciada dentro do próprio lar, através da participação e do incentivo familiar, promovendo mais segurança aofilho, pois é a família a responsável pela socialização do filho. Afinal, é um direito do surdo secomunicar e receber comunicação em sua L1, não apenas da família, mas também da sociedade.

Nessa direção, não são os sinais caseiros que expressam a forma clara de compreensão, mas a língua em si. Adriano (2010, p. 34), descreve que:

> Os sinais emergidos nessa situação são extremamente restritos em seu repertório vocabular e podem comunicar fatos somente no momento de sua ocorrência, tornando difícil relatar acontecimentos passados e/ou assuntos que envolvam níveis de abstração.

De acordo com o autor os sinais emergentes são resumidos, o que causa uma compreensão fragmentada que impossibilita reflexão e sequenciação de ocorrências interacionais. Para construir o saber no contexto do diálogo é necessário à compreensão, e o que nos permite compreender é a interação e abstração de ideias claras. Quando duas pessoas não falam a mesma língua surge o desafio de compreensão e de expressão das ideais.

O papel da Libras na interação e desenvolvimento do surdo

A língua materna do surdo, a Libras, contribui para o desenvolvimento cognitivo e amplia o léxico da criança surda. Dessa forma, a aquisição dessa língua, dará condições a essa criança de ter acesso aos conceitos construídos e passados por sua comunidade, originando uma maneira de pensar e de agir no seu próprio mundo e no grupo social.

Segundo Quadros e Pizzio (2011, p. 4), "como diz Chomsky, seja a língua como for, a faculdade da linguagem é algo comum entre os seres humanos".

Nessa visão, a linguagem frequente permite um processo de aprendizagem, trazendo bons resultados ao ser humano.

Também, é correto afirmar que a visão traz uma parcela cerebral importante para o entendimento das informações. Nesse contexto, cabe enfatizar a língua de modalidade gestual-visual ou espaço-visual, cuja instrução linguística é obtida pelos olhos e as informações ou ideias apresentadas pelas mãos.

Dessa forma, é possível destacar o papel importante da linguagem sinalizada na relação de sujeitos surdos e ouvintes na interação familiar. Deixando claro que, para expressar o pensamento não é preciso uma fala, pois as mãos

expressam toda linguagem coloquial e formal que os olhos captam.

Nesse sentido, Gesser (2009, p. 1) destaca que:

> A LIBRAS, como língua, possui gramática própria semelhante às línguas orais, embora a exploração seja realizada através dos gestos. Há três parâmetros constituintes na língua de sinais: configuração da mão, ponto de articulação ou locação e movimento (CM, PA ou L e M). A mesma configuração da mão em espaços diferentes representará palavras e conceitos distintos.

Admitindo o relato da autora, essas regras gramaticais são elementos constitutivos desta língua, que devem ser enunciadas para o aprendizado. A Libras não é uma linguagem qualquer, mas uma língua reconhecida como a segunda língua do país, a língua materna dos surdos. Se faz necessário à criança surda ter o contato de sua primeira língua desde a mais tenra idade.

Consequentemente, é imprescindível que a família ouvinte seja envolvida pelo desejo eincentivo de conhecimento da Língua Brasileira de Sinais. Já que não é vista por alguns da sociedade como língua, a Libras deve ser anunciada como reflexão dentro do lar da família ouvinte que tem filho surdo, mostrando o aprendizado da língua, dado que a família é a base dasociedade.

A participação da família tem um significado fundamental para o desenvolvimento da criança. Nesse contexto, a interação faz parte desse desenvolvimento entre

interlocutor e receptor. Borsa (2007, p. 2) expõe que "o processo de socialização é uma interação entre a criança e seu meio".

Entretanto, é essencial discutir o obstáculo causado na falta do uso da Libras entre o filho surdo e a família ouvinte. Guarinello (2004, p. 15) descreve que,

> Toda criança necessita de um ambiente linguístico adequado, no qual possa desenvolver sua língua naturalmente [...]. Para os surdos filhos de pais ouvintes desenvolverem a língua de sinais, eles precisam interagir com pessoas que utilizem essa língua.

Essa carência precisa ser preenchida para que as famílias venham vivenciar esseexperimento cultural; ou seja, a sociedade precisa aprender e usar essa língua, dominando-a, para facilitar a comunicação entre surdo e ouvinte. É paradoxal o uso de gestos, de mímicas com o surdo se existe a Libras, tendo em vista que além de ser a língua materna do surdo, ela éreconhecida como meio legal de comunicação na comunidade surda.

A família é a base dessa comunicação e a ela cabe a responsabilidade pelo desenvolvimento de seu filho. Moura (2000, p. 45), "deduz, portanto, que a socialização inicial é que pode fornecer ao surdo condições favoráveis para que ele, posteriormente, possa se tornarúnico".

Dessa forma, a autora descreve que é a partir da socialização familiar que o sujeito surdo começa a estabelecer

os vínculos com o mundo do qual fará parte, tendo seu próprio senso de ideias. Essas reflexões nos ajudaram a compreender melhor a temática, bem como traçar um caminho metodológico mais adequado para compreender nosso objeto de estudo, conforme explicaremos no capítulo seguinte.

Metodologia da Pesquisa

Abordagem e tipologia da pesquisa

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, apoiada teoricamente em Marconi e Lakatos (2003). De acordo com os autores, esta abordagem se trata de uma pesquisa que busca analisar e interpretar aspectos de forma aprofundada, descrevendo a complexidade do comportamento humano, podendo informar dados detalhados sobre as investigações e predisposições de determinados comportamentos.

Corroborando com a descrição exposta anteriormente, Barros e Lehfeld (2000 *apud* PIANA, 2009) sinalizam que "estudar e analisar o material qualitativo, buscando-se melhor compreensão de uma comunicação ou discurso, de aprofundar suas características gramaticais às ideologias e outras, além de extrair aspectos mais relevantes".

O tipo deste estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo que, de acordo com Gonsalves (2001, apud PIANA, 2009).

> É o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o

fenômeno ocorre, ou ocorreu, e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

No nosso caso, fomos buscar as informações diretamente nas famílias ouvintes nas quais os surdos estavam inseridos, buscando estabelecer o encontro mais direto para dar conta de compreender a problemática identificada e responder aos objetivos propostos.

O contexto e os sujeitos participantes da pesquisa

Participaram dessa pesquisa duas famílias ouvintes com filhos surdos, conforme detalhado nos quadros abaixo.

Quadro 1 - Participantes surdos

Sexo	Identidade Surda	Idade	Local onde Reside	Informações Adicionais
M	W	23	Campina Grande /PB	Surdez Bilateral Total
F	Y	12	Campina Grande /PB	Surdez Bilateral de Grau Profunda

Quadro 2 – Participantes da família

Sexo	Identidade Surda	Identidade parentesca	Idade
M	W	MÃE	45

-	-	IRMÃO	20
F	Y	MÃE	35
-	-	PAI	37

O primeiro sujeito da nossa pesquisa é um jovem surdo de 23 anos, filho de uma famíliaouvinte, o mais velho dos filhos na família, que sofria momentos de ansiedade depressiva, medoe solidão, conforme relato do próprio sujeito. Este relato será apresentado, ao longo da pesquisa e o sujeito foi denominado "W" por questões éticas.

De acordo com as informações obtidas em conversas informais e em entrevista, "W"havia perdido seu pai ouvinte há alguns anos, aquele que lhe trazia alegria desde a infância diante de uma comunicação com gestos.

Ambos se entendiam através dessa forma expressiva de gesticulação. Esse sujeito foi escolhido para a pesquisa pelo fato da pesquisadora podervivenciar essa experiência de perto e perceber a dificuldade de compreensão entre mãe e filho.Cabe destacar que, anteriormente, "W" tinha contato com outros surdos numa escola bilíngue (EDAC – Escola Estadual de Audiocomunicação Demóstenes Cunha Lima) localizadaem Campina Grande-PB, mas perdeu o contato diário com seus amigos surdos quando saiu daescola.

Antes mesmo de concluir o ensino fundamental, se afastou dos amigos surdos dessaescola bilíngue. A perda do pai, o distanciamento dos amigos surdos e a falta de contato com alíngua o deixou isolado, distante do seu mundo e da sua

língua materna, passando a viver num mundo de silêncio, sem comunicação, isolado da sociedade, o que faz lembrar a história passada dos surdos.

O segundo sujeito desta pesquisa trata-se de uma adolescente de 12 anos, também filha de família ouvinte que tem surdez bilateral profunda, oraliza e realiza leitura labial. Também por questões éticas, será representada por "Y". Ao contrário do jovem surdo, a adolescente tem caso de surdez em sua família, sua avó materna, a qual mora no interior do estado da Paraíba e tem surdez total, mas consegue ler os lábios e oralizar.

Essa adolescente sofreu com a falta de comunicação no início de sua infância, pois a família desconhecia a existência da Libras. O contato com a surda avó era através de sinais emergentes (gestos) e também da oralização. A adolescente estudou em escola regular e foi através dessa escola que sua mãe ficou sabendo da existência da língua materna do surdo, a Libras, e sobre a escola bilíngue (EDAC).

Ao contrário da mãe do jovem surdo, a mãe desta adolescente despertou interesse em conhecer a Libras e, aos poucos, conseguiu interagir com a filha através da língua de sinais.

"Y" é uma adolescente que sofreu muito no início de sua infância, pois nasceu com surdez bilateral profunda. Apesar de sua mãe ter o conhecimento da sua surdez, a colocou numa escola regular que não era inclusiva, pois não tinha conhecimento da língua de sinais, nem de sua importância para o desenvolvimento de sua filha.

Processo de geração de dados e *corpus* da pesquisa

Para a geração de dados foram aplicados questionários e realizadas entrevistas em vídeos, instrumentos utilizados para conhecer a realidade investigada mais de perto. Esses instrumentos permitiram identificar se havia ou não obstáculo na comunicação dentro das famílias ouvintes com os filhos surdos.

O *corpus* desta pesquisa é composto por narrativas de observação da pesquisadora obtidas antes do período de pandemia e anotadas em registro de campo, e por trechos de duas entrevistas sinalizadas, uma através de questionário e outra em vídeo, com os sujeitos surdos e seus familiares. A pesquisadora é fluente em Libras e não precisou de apoio de intérpretes paradesenvolver as entrevistas.

O questionário estruturado, continha perguntas objetivas e subjetivas. As questões subjetivas permitiram acesso a informações mais amplas e complexas, pois nosso interesse era saber como se dava a interação entre as famílias ouvintes com seus filhos surdos e, de forma particular, entender, por exemplo, por que o primeiro sujeito da pesquisa procurava se isolar, cheio de tristeza, e até que ponto ele sentia ansiedade depressiva,como fora informado pela mãe.

Análise dos Resultados

O (não) lugar da Libras no processo de interação de “W”

Os primeiros questionamentos foram iniciados na residência da família de “W”, onde de início fomos informados que não havia nenhum outro caso de surdez na família, apenas o de“W”.

Ao ser questionada sobre a descoberta da surdez do filho e qual idade ele tinha, a mãe relatou que, quando estava grávida, foi chifrada por um boi, na região de seu ventre. Por consequência desse acontecimento, segundo laudo médico passado para a mãe, “W” nasceu com uma surdez total.

Questionada se tinha ouvido falar da Libras, antes de descobrir a surdez do filho, a mãe de “W” disse que nunca tinha ouvido falar, mas que tomou conhecimento de uma escola para surdos em Campina Grande e, então, matriculou seu filho nessa escola bilíngue quando ele tinha 6 anos de idade, para que pudesse aprender a sua língua de sinais e desenvolver-se. Informou, ainda, que a referida escola oferecia curso de Libras para as famílias, porém a sua família não buscou aprendizagem desta língua para si, o que trouxe consequências na vida de “W” no que se refere ao contato e interação comunicativa em seu lar.

Ao falar sobre como se sente na relação com o filho, a mãe de "W" relatou que fica triste por perceber seu filho surdo isolado, com problemas de ansiedade depressiva que, para ela, se assemelham a perturbações oriundas de problemas psicológicos, gerados pelo falecimento do pai. Ainda de acordo com seu relato, a perda do pai trouxe angústia, medo e isolamento para seu filho surdo.

Atualmente, a família é constituída por "W", sua mãe e seu irmão mais novo, o qual informou que sabe muito pouco da Libras e que aprendeu na escola bilíngue apenas o básico, mas não desenvolveu. Disse ainda que parou de assistir às aulas na escola, e que não tinha tempo de ter um relacionamento, um contato com o irmão surdo devido ao seu trabalho.

Entretanto, ao longo da entrevista, deixou escapar, aparentando que essa falta de tempo não era apenas pela ocupação do seu trabalho, mas pela incompreensão e o não entendimento da informação transmitida, o que parece gerar a impaciência e a falta de atenção com seu irmão surdo.

O comportamento revelado acima, condiz com o que Moura (2000, p. 196) nos apresenta, quando diz que: "houve falhas condicionadas por um contexto social, psicológico e familiar em que o exercício da igualdade não foi possível".

A mãe relatou que não teve oportunidade de aprender a língua e frequentar a escola bilíngue como seu filho mais novo (ouvinte), por incompreensão do seu esposo que não a deixava acompanhar o filho surdo na instituição.

Ela não conseguia ter uma compreensão mais clara em relação aos conflitos do filho, pois no momento de comunicação existiam bloqueios. Esse bloqueio de comunicação também ocorria no momento em que o filho surdo interagia com seu irmão ouvinte. Isto pode ocorrer devido à falta de compreensão sobre a importância da língua de sinais na cultura e desenvolvimento da pessoa surda.

A esse respeito Borsa (2007, p. 01), descreve que: "A socialização é um processo interativo necessário para o desenvolvimento, através do qual a criança satisfaz suas necessidades e assimila a cultura ao tempo que, reciprocamente, asociedade se perpetua e desenvolve".

A interação mais diária do sujeito da pesquisa, conforme seu relato, era com o pai que era ouvinte, através de sinais emergentes (gestos) criados por eles para se comunicarem e haveruma compreensão entre si.

Para Guarinello et al (2007 *apud* ADRIANO, 2010, p. 16), a criança surda usa gestos (icônicos e indicativos) para comunicar-se com os ouvintes, fugindo do isolamento social resultante da ausência de uma língua.

Por falta de experiência e, talvez, atenção, a mãe não percebia que aquela situação de desgosto que o filho vivia não era apenas saudade do pai, mas a falta de comunicação. A mãe acrescentou que "W" tomava medicamentos que o deixavam com aparência de uma pessoa alienada, desligada do mundo.

No momento da entrevista, "W" informou que estava sentindo uma dor forte na alma; o coração acelerado; sentia medo de morrer; queria poder se comunicar com a família,

mas ninguém lhe entendia. Quando foi passado para a mãe o problema de seu filho, ela chorou e desejou aprender a Libras.

"W" não chegou a concluir seus estudos, pois parou no 9º ano do ensino fundamental. Isso o distanciou dos amigos surdos e da comunidade surda, cujo contato atualmente ocorre apenas por redes sociais ou, algumas vezes, na igreja através da participação em cultos e seminários.

Em determinados momentos das conversações sinalizadas, foi possível perceber que "W" apresenta certa dificuldade de compreensão do que está sendo sinalizado, provavelmente por não haver uma interação linguística diária em casa, ou uma interação comunicativa frequente e regular com sua família ouvinte que, como dito anteriormente, não tem domínio e experiência com a Libras.

De acordo com Reis (1997, p. 26) "a linguagem é construída na relação. Assim, se a relação é limitada pela dificuldade de comunicação, a linguagem (especialmente na sua aquisição) também deverá sê-lo".

O surdo pode até desenvolver bem a Libras, mas não entender a datilologia, por ser um empréstimo linguístico da língua portuguesa.

Correia (2008) relata a datilologia, soletração da palavra da língua oral pelo alfabeto manual que, no entanto, não pode ser confundida com tradução. Esse uso da datilologia leva o falante da língua de sinais a uma situação de desvantagem no acesso à informação, uma vez que condiciona sua compreensão ao conhecimento da língua oral.

De acordo com relato da mãe, normalmente “W” se isola no seu mundo, entre quatro paredes. Talvez, por falta de estímulo, hoje não quer voltar a estudar, apenas pensa em trabalhar.

Sua Libras não é bem desenvolvida e não consegue entender a datilologia de algumas palavras. Isto pode ocorrer devido ao seu afastamento em relação aos grupos surdos ou comunidade surda.

Mesmo com essas dificuldades, “W” demonstra ser uma pessoa com sonhos, apenas não teve incentivo familiar para continuar a realizar e desenvolver o seu processo de construção linguística. Era notória a aflição de “W” por não poder interagir com a família, como foi notória também, no momento da entrevista sinalizada, a expressão de felicidade em seu rosto ao poderencontrar alguém que entendesse a sua comunicação para poder interagir.

Ao ser convidado para a entrevista, “W” ficou muito feliz. Em sua casa, antes de iniciarmos a entrevista, confessou que sempre teve o anseio de transmitir para a sociedade a sua expressão de pensamento, que seria de todos aprenderem a Libras para se comunicarem com os surdos; poisnos confessou com expressão de tristeza que alguns surdos também sofrem, como ele, a falta de comunicação tanto no lar como nos ambientes sociais.

Ao ser perguntado sobre o que gostaria de dizer às famílias ouvintes que tem filhos surdos, “W” respondeu que seu desejo é que as mães acompanhem o crescimento de seus filhossurdos, que entendam que a Libras é fundamental para a

comunicação com a pessoa surda, e que a sociedade, e as famílias ouvintes que têm filhos surdos, passem a compreender o sofrimento, a angústia de alguns surdos por quererem demonstrar seus sentimentos e serem compreendidos a partir de interações comunicativas. Em outras palavras, expressou seu desejode empatia por parte dos familiares ouvintes e da sociedade como um todo.

O jovem expressou que se sente feliz quando está na igreja em contato com intérpretes e surdos, porque é compreendido, já que sua família ouvinte, a qual tem contato diariamente não tem esse conhecimento da língua.

Seu desabafo é pelo motivo de em casa não ser compreendido, por isso se isola e, muitas vezes, grava vídeos para poder expressar o que sente colocando nas redes sociais. Ele afirmou sentir saudade da escola bilíngue, onde tinha o contatodiário da sua língua materna.

Porém, o que mais pôde-se perceber, apesar da consequência de comunicação, foi que "W" excessivamente é dependente da mãe, como ela mesma relatou em entrevista: "ele não sai só, só sai junto comigo". Também foi observada uma certa proteção da mãe.

O (não) lugar da Libras no processo de interação de "Y"

Iniciamos nossa entrevista com a mãe de "Y", buscando saber quando percebeu a surdez da filha. Ela respondeu que só aos 5 anos, quando percebeu que a menina

não falava nada. Então, levou-a ao médico, que sugeriu implante coclear, mas não foi aceito.

Ao ser questionada sobre o contexto escolar, a mãe informou que "Y" estudou, inicialmente, em uma escola regular, onde a professora ministrava a aula oralizando e não sabia se comunicar em Libras, fato que fez com que sua filha sofresse muito.

A mãe não entendia a aflição da filha. Até que um dia a professora falou para a mãe colocá-la numa escola bilíngue. A genitora desconhecia que existia escola bilíngue para surdos na cidade. Por isso solicitou mais informações e aceitou a orientação da professora.

Ao ser questionada sobre o processo de interação e comunicação entre mãe e filha a mãe respondeu que, atualmente, consegue ter uma comunicação com a filha, porque chegou a aprender o básico da Libras na escola bilíngue que a filha passou a frequentar e estudar. Entretanto, encontra uma certa dificuldade na assistência à filha no que se refere às atividades escolares.

Disse também que os demais membros da família, pai e irmão, não aprenderam a língua, contudo ainda conseguem entender algumas informações nos momentos de interação, devido à necessidade da comunicação diária, o que é o oposto da família de "W" onde a interação se faz unicamente por mímicas para surgir alguma compreensão.

A esse respeito, Quadros (1997) diz que tal língua surge pelos mesmos ideais, as necessidades naturais e

específicas dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações.

De acordo com relatos da mãe, "Y" aprendeu a oralizar e a ler os lábios, o que facilita ainteração com o pai e o irmão. Ambos se recusaram a participar da entrevista por timidez, porémo pai acompanhou o momento da entrevista e teceu alguns comentários como: - Minha filha é muito inteligente. Para mim ela é uma pessoa normal, eu uso alguns gestos para me comunicarcom ela, mas sempre oralizando e ela entende tudo que falo. Mas "Y" logo o contradiz dizendoa ele que nem tudo entende.

Na entrevista com "Y", ao ser questionada sobre como se sentia na escola regular e se sentia medo, ela relatou que se sentia triste, assustada, com medo e angustiada, pois apenas observava sem entender absolutamente nada da aula e, por isso, chegava em casa triste e aflita, imaginando que tinha vindo de outro mundo e que era a única surda.

De forma expressiva e alegre, "Y" relatou como se sentia feliz na escola bilíngue, enfatizando que lá conseguia expressar suas ideias junto com outros surdos, podendo compreender e ser compreendida através da língua de sinais. Harrison (2000) refere-se que essalíngua fornece para a criança surda a oportunidade de ter acesso à aquisição de linguagem e deconhecimento de mundo e de si mesma. Ou seja, "Y" passou a expandir seus conhecimentos, ampliar seu desenvolvimento e adquirir a autonomia e identidade que não havia conquistado naescola regular.

No nosso último questionamento, no mesmo contexto familiar argumentado a "W", perguntamos a "Y", se queria deixar alguma mensagem para as famílias ouvintes que têm filhossurdos. Logo respondeu:

> "Eu quero dizer para essas famílias, que compreendam seus filhos surdos, o desejo do surdo é se comunicar. Realizem o desejo de seus filhos, aprendam a Libras. Porque nós surdos sofremos quando não conseguimos expressar nossos sentimentos, dói dentro da alma porque nos sentimos só, excluídos. Se vocês se colocarem no lugar de seus filhos surdosvão entende-los".

Segundo Veschi (2005), o desenvolvimento da criança surda é proporcional à participação da família. Pais preparados e conscientes de seu papel adquirem grandes experiências geradas no lar.

Como podemos observar, a resposta dada por "Y" não difere da resposta de "W", ou seja, ambos almejam que as famílias ouvintes que tem filhos surdos precisam conhecer e se apropriar da língua de sinais, compreender as necessidades de seus filhos e ter mais empatia.

Implicações do (não) lugar da Libras no processo de interação de "W" e "Y"

Conforme vimos nos tópicos anteriores, ainda é necessário despertar a sociedade para a promoção da acessibilidade ao surdo, iniciando pela própria família ouvinte,

de modo a incentivar esse grupo a adquirir o conhecimento da Libras como prioridade de comunicação com o sujeito surdo.

Para Vygotsky (1989), o conhecimento é construído pelas interações do sujeito com o meio e com o outro, numa relação de influência mútua, cujas experiências interacionais promovem desenvolvimento. As pessoas surdas clamam para que a sua língua venha ser reconhecida socialmente não apenas por Lei, mas valorizada, visualizada e apresentada como componente linguístico a ser ensinado nas escolas, como é feito com a línguaoral oficial do país, para que se ampliem as experiências interacionais.

Tanto a sociedade como o grupo familiar, precisam se conscientizar da importância dessa língua para o desenvolvimento pleno da pessoa surda, sem contar que se trata de uma aquisição valiosa tanto para o surdo como para o ouvinte.

Harrison (2000) também sugere propiciar linguagem no tempo esperado, pois assim, esta poderá trazer benefícios para a criançae para a dinâmica familiar.

Nesse contexto, é indispensável que a família entre no real mundo cultural do surdo, jáque o desejo do sujeito surdo é que a família aprenda a sua língua, que ela adquira conhecimento. Para isso, políticas públicas voltadas aos aspectos culturais e linguísticos das comunidades surdas precisam ser desenvolvidas e disseminadas.

O valor fundamental da linguagem está na comunicação social, em que as pessoas fazem-se entender umas pelas outras, compartilham experiências emocionais e

intelectuais, e planejam a condução de suas vidas e a de sua comunidade (CAPOVILLA 2000, p. 100).

As pessoas surdas têm sonhos e querem realizar esses sonhos, mas para isso precisam ser compreendidas. O primeiro passo nessa direção deve ser dado pela própria família, que deve ser orientada e estimulada a conhecer, se apropriar e desenvolver a língua de sinais para os processos interativos no lar. Dessa forma, haverá uma cultura de igualdade.

Alguns surdos, filhos de pais ouvintes, vivem em isolamento, frustrados, apreensivos, aflitos por não conseguirem se comunicar através da língua sinalizada., Por esse motivo, a única estratégia para interagir com a família é o gesto, como forma de interação. Pelo fato de desconhecer a Língua de Sinais, algumas famílias utilizam apenas o gesto como forma de comunicação com os surdos, fato que parece gerar incompreensões e dificuldades na relação interacional e comunicativa.

Há que se enfatizar que a Libras não é mímica, uma vez que possui estrutura gramatical própria e regras; sua informação linguística é veiculada pelas mãos, na modalidade visual- gestual. Logo, ela é a primeira língua do surdo, sendo impreterível que o sujeito venha a ser alfabetizado primeiro em Libras.

Dessa forma, a família ouvinte deverá aderir à Libras como forma de eliminar as barreiras de comunicação entre as partes, contribuindo para um desenvolvimento cognitivo de seu filho surdo.

A grande maioria dos pais que se comunica de forma oral auditiva e não tem conhecimento algum sobre a cultura surda, e a comunicação visual espacial, geralmente não enfatiza a importância ao contato visual com o surdo.

Mesmo na atualidade, diante de avanços legais e culturais, alguns surdos ainda enfrentam grandes barreiras na família e na sociedade, como vimos nos casos de “W” e de “Y”, sujeitos surdos desta pesquisa. A língua exige em sua interação um contexto bilíngue; porém nesse enquadramento, algumas famílias ouvintes se mantem fora desse contexto porque ainda desconhecem a língua de sinais ou sua importância para o desenvolvimento da pessoa surda.

Por esse motivo, se faz importante que a família ouvinte seja estimulada a aprender a língua brasileira de sinais para, consequentemente, ter uma melhor relação e interação com o filho surdo. Pois, valorizar uma língua, é aceitar o seu valor e a sua história.

Considerações Finais

Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber os entraves na comunicação entre os informantes surdos e suas famílias ouvintes, como também a necessidade de fomentar discussões sobre a importância da aprendizagem da Libras no contexto familiar, de modo a contribuir para um crescimento, transformação e adaptação capazes de promover tanto uma interação ampla entre familiares ouvintes e filhos surdos, quanto a promoção de um desenvolvimento pleno da pessoa surda.

Vimos que a falta de conhecimento de uma língua traz desafios para a comunicação e consequências no desenvolvimento cognitivo, emocional e social de qualquer pessoa. No caso dos surdos, em específico, é fundamental que a língua de sinais seja estimulada e as barreiras interacionais sejam quebradas. Só assim será possível alcançar um mundo mais acessível e inclusivo, bem como sanar as dificuldades enfrentadas pelas pessoas surdas que se mantém em isolamento, com baixa estima e com o emocional afetado.

Por outro lado, discutir e aprofundar a compreensão sobre a importância da Libras, implica em contribuir para a valorização da língua e reconhecimento da cultura surda. Entretanto, para que isso se fortaleça, é necessário que a

família incorpore essa compreensão e torne essa vivência prática no seio familiar, pois é nele que tudo se inicia.

Conforme os dados desta pesquisa mostraram, a complexidade de interação comunicativa que acontece com famílias ouvintes que têm filhos surdos, são reais e comuns. Cabendo, portanto, a toda a comunidade surda e profissionais da área disseminar e ampliar as discussões sobre a importância da língua de sinais para que mais pessoas e famílias tenham a oportunidade e refletir, acessar e difundir esta língua na sociedade.

Se há uma desigualdade linguística não há uma compreensão. Portanto, toda comunicação busca um único objetivo, compreender o indivíduo. O surdo compreende o mundo em sua volta por meio visual e é aí onde revela a sua cultura linguística. Porém, a família ouvintee a sociedade ainda não se conscientizaram da falta de conformidade para poder compreender o surdo.

Nesse contexto, esta pesquisa contribui para mostrar, especialmente para as famílias ouvintes, que o surdo não é incapaz. Ao contrário, é plenamente capaz de construir suas próprias ideias e de realizar-se, por meio do desenvolvimento de sua língua materna, o mais precocemente possível.

Além disso, a realização desta pesquisa foi importante no sentido de reforçar a ideia de que a família tem um papel importantíssimo no processo de desenvolvimento de seus filhos, incluindo a responsabilidade de formação do indivíduo surdo na sociedade. E para que isto possa acontecer, será necessário que dentro do lar, haja um envolvimento e

reconhecimento dacultura surda, em seus aspectos cognitivos, sociais, emocionais e linguísticos.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, verificamos que o nível de conhecimento e usoda Libras entre os membros das famílias entrevistadas, de modo geral, é básico, com exceção de uma das mães entrevistadas, que embora ainda não seja fluente, já demonstra um conhecimento mais adiantado na língua de sinais.

Sem o uso proficiente da Libras, a comunicação entre os familiares e os membros surdos fica bastante limitada, o que não permite,portanto, a discussão de assuntos mais complexos entre si.

Com isso, compreendemos que as implicações da (não) utilização da Libras no processo comunicativo acaba gerando entraves e desencontros entre os surdos e seus familiares ouvintes. Quanto mais avançado o nível de conhecimento na Libras, mais interação no processo comunicativo entre os surdos e os seus familiares ouvintes.

Após descrever e analisar as falas dos membros surdos em relação às interações (ou falta delas) na família, vimos que os mesmos se sentem, muitas vezes, isolados e incompreendidos em seu próprio lar. Por mais que a família se esforce para utilizar meios diferentes para se comunicar com as pessoas surdas, a exemplo de gestos, sinais caseiros ou oralização, nada substitui a eficiência da Libras no processo interativo.

As pessoas surdas vêm travando lutas, durante muitos anos, e conquistando aos poucos seu espaço na

sociedade. Reconhecida essa importância cultural dentro da família, poderá se estender esse reconhecimento a toda a sociedade.

Dessa forma, o surdo não se sentirá um estrangeiro dentro de seu próprio país, mas encontrará suas origens, não só na família, mas na comunidade em geral. Comunidade essa que mostrará que é possível romper “o mundo do silêncio”, utilizando uma comunicação espaço-visual.

Referências

ADRIANO, Nayara de Almeida. **Sinais Caseiros uma Exploração de Aspectos Linguísticos.** Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Linguística. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

BARBOSA, Juliana Silveira Branco. **A importância da participação familiar para a inclusão escolar**. Monografia (Especialização). Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – Veschi. Ipatinga-GO: Universidade Aberta de Brasília–UAB, 2011.

BARROS, Eudenia Magalhães. O mundo do silêncio – uma breve contextualização da trajetória do indivíduo surdo na humanidade**. Revista Arara Azul**, v. 7, n. 1, 2021.

BORSA, Juliane Callegaro. **O papel da escola no processo de socialização infantil (**2007). Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf. Acesso: 2 jun. 2021.

BRASIL. **Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 deabril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1. Acesso: 2 jun. 2021.

CAPOVILLA, Fernando César. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 6, n. 1, p. 99-116, 2000.

CHIELLA, V. E. **Marcas surdas: escola, família, associação, comunidade e universidade constituindo cultura e diferença surda**. Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo-RS: UNISINOS, 2007.

CORREIA, Anderson Tavares; MACEDO JR, Márcio Ribeiro; LIMA, Francisco José de. **O intérprete de Língua Brasileira de Sinais no ensino fundamental e seu papel na escola comum**. Monografia (Graduação) Licenciatura Plena em Pedagogia, Centro de Educação, Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Recife: UFPE, 2008.

GESSER, Audrei. **Libras?** que língua é essa? crenças e preconceitos em torno dalíngua de sinais e da realidade surda**.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIANOTO, Helena dos Santos Silva; GIANOTO, Adriano de Oliveira; MARQUES, Heitor Romero**. Pais ouvintes, filhos surdos: barreiras na comunicação.** Disponível em: https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/1114/1212. Acesso: 1 ago. 2021.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectivasociointeracionista**. 7. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2000.

GOMES, Luana Caroline da Silva; WENZEL, Rafaela Aline**.** Diálogo familiar no Desenvolvimento Infantil**.** In: **Anais do**

Seminário de Monografias do Curso de Pedagogia. Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, 2020.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro no processo de construção de produções escritas por sujeitos surdos**. Tese(Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos. Curitiba: UFPR, 2004.

HARRISON, Kathryn Marie Pacheco. O momento do diagnóstico de surdez e as possibilidades de encaminhamento. In: LAERDA, C. B. F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M. C. (orgs.). **Fonoaudiologia**: surdez e abordagem bilíngue. São Paulo: Plexus, 2000, p. 114-122.

MACIEL, M. R. C. Portadores de deficiência: A questão da inclusão social. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 51-56, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria**. Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOURA, Maria Cecília de. O surdo: Caminho para uma nova identidade. **Perspectiva**, v. 34, n. 128, p. 193-196, 2000.

OLIVEIRA, Hhelleni Priscille de Souza Ferreira. Pais ouvintes de filhos surdos: perspectivas entre dois mundos. **Revista Virtual de Cultura Surda**, v. 24, 2018.

OLIVEIRA, Raquel Gusmão.; SIMIONATO, Marlene Aparecida Wischral; NEGRELLI, Maria Elizabeth Dumont.; MARCON, Sonia Silva. Experiência de famílias no convívio

com a criança surda. **Acta Scientiarum Heath Science**, v. 26, n. 1, p. 183-191, 2004.

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: UNESP/São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PIZZIO, Aline Lemos; QUADROS, de Ronice Muller. **Aquisição da Língua de Sinais.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

QUADROS, Ronnice Muller de. **Educação de surdos: A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

REIS, Vania Prata Ferreira**.** A linguagem e seus efeitos no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança surda. Debate: Bilinguísmo e Educação de Surdos. **Espaço InformativoTécnico Científico do INES**, v. 72, n. 3, 1997.

SCOLNICOV, Samuel. Como ler um diálogo platônico. **Hypnos,** n. 11, p. 49-59, 2003.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

VESCHI, Jorge Luiz. Família e Linguagem. IV Congresso Internacional e X Seminário nacional do INES, Rio de Janeiro. **Anais**..., 2005.

VILHALVA, Shirley. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Centro de

Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Apêndices
Roteiro de entrevista

I - Dados relativo à relação surdo família/ouvinte

Questões formuladas a mãe de "W"

Quantas pessoas moram na casa?

Hoje somos três porque meu esposo faleceu. Meu filho mais velho (surdo) tinha 13 anos e meu filho mais novo (ouvinte) tinha 10 anos.

Como descobriu a surdez do seu filho e, qual idade ele tinha?

Meu filho nasceu surdo. Fui atacada por um boi que atingiu minha barriga quando eu estava grávida de 7 meses, ele me atirou a alguns metros de distância. Foi um milagre de Deus eu nãoter ficado com sequelas, meu filho ter sobrevivido.

Tem algum caso de surdez na família?

Não.

Qual sua reação quando descobriu a surdez de seu filho?

Eu fiquei muito triste porque o desejo dos pais é querer ouvir o filho chamar mamãe, papai, principalmente quando se trata do primeiro filho. Meu esposo ficou mais triste ainda, não queria aceitar. Mas com o passar do tempo, ele foi se apegando a

criança e passou a ter uma relação muito boa. Eram bem unidos, estavam sempre juntos.

Já tinha ouvido falar da Libras (Língua Brasileira de Sinais), antes de descobrir a surdezde seu filho?

Não. Nunca tinha ouvido falar. Mas a minha vizinha falou que tinha uma escola para surdos emCampina Grande, então levei meu filho para estudar na EDAC com 6 anos.

Como vocês fazem para se comunicar com ele?

A gente se comunica através de gestos.

Existe muita dificuldade na compreensão?

Sim. É muito difícil porque quem mais se comunicava com ele era meu marido, através de gestos, minha interação era menos, eles conseguiam se entender entre eles. Ainda estou me adaptando na comunicação gestual com meu filho, entendo muito pouco. Ele passou a ser maisapegado a mim depois que o pai morreu.

Você percebe alguma diferença no comportamento dele no momento de comunicaçãocom gestos entre vocês?

Sim. Ele fica nervoso, irritado, se isola no quarto, fica triste.

Como mãe, como você se sente quando o vê irritado no momento que não écompreendido?

Fico triste. Percebo que meu filho ficou muito isolado e com problemas de ansiedade depressiva depois que perdeu o pai. Ele está sempre com medo, parou de estudar no 9º ano, só sai

junto comigo. Já o levei ao médico, mas o medicamento o deixa aluado, já pensei até que ele tinha problemas psicológicos.

A escola bilíngue (EDAC) dá aula de Libras as famílias ouvintes de filhos surdos. Oque a impediu de não aprender a Libras?

O pai dele não me deixava aprender a Libras. Meu esposo era um homem muito difícil principalmente quando bebia. Depois que ele morreu, tudo ficou mais difícil, eu dependia do meu esposo para tudo, ele tinha uma oficina em casa. Hoje vivo do benefício de meu filho queé surdo, peço todos os dias a Deus para não perder esse benefício.

Apêndices
Roteiro de entrevista

I - Dados relativo à relação surdo família/ouvinte

Questões formuladas ao irmão (ouvinte) de "W"

Como é seu relacionamento com seu irmão surdo?

Para ser sincero tem sido muito difícil para mim. Eu trabalho, é bem complicado o nosso relacionamento meu tempo é pouco.

Antes de você trabalhar como era o relacionamento de vocês?

Eu dava atenção a ele, mas pouca.

Existe algum momento que vocês brincam, dialogam?

Sim. Quando chego do trabalho as vezes há esse momento.

Você sabe Libras?

Sei mais ou menos, não entendo muito bem, me comunico mais com gestos. Aprendi alguns sinais, muito pouco, na Instituição que ele estudava, porém aprendi mais sinais com meu irmão.

Consegue compreender o contexto da comunicação?

Na maioria das vezes não, sinto dificuldade de entender. Às vezes eu e minha mãe ficamos tentando ligar a sua informação,

e assim a gente fica se ajudando tentando descobrir o que ele quer dizer. E assim a gente vai aprendendo um com o outro.

No momento que você vê seu irmão triste, nervoso, ansioso, o que você imagina queseja?

Eu acho que pode ser a falta de atenção, a falta de comunicação.

Você tem interesse de aprender a Libras para se comunicar melhor com seu irmão e,conseguir compreendê-lo?

Tenho sim. Mas meu tempo é pouco, como já lhe falei eu trabalho. Eu sei que preciso separar,preciso conseguir conciliar o trabalho e a aprendizagem, porque tenho um irmão surdo e preciso aprender a Libras para me comunicar com ele. Mas é muito difícil para mim.

Apêndices
Roteiro de entrevista

I - Dados relativo à relação surdo família/ouvinte

Questões formuladas a "W" (surdo)

Na relação de comunicação com sua mãe e seu irmão através de gestos, você consegue entender claramente ou fica confuso?

Quando eu era criança sempre me comuniquei com meu pai através de gestos, a gente criava sinais para poder se comunicar, eu conseguia entender meu pai e ele me entender. Mas com minha mãe e meu irmão tenho dificuldade, existe um certo bloqueio na comunicação, eu não consigo entender claro, fica confuso. Quando eu me comunicava com meus amigos na EDAC em Libras a comunicação era muito clara, porque eles falavam a minha língua, mas ao chegar em casa tudo ficava difícil. Eu preciso interagir mais com minha língua, as vezes esqueço alguns sinais por falta dessa comunicação. Eu queria que minha família aprendesse a Libras para que eupudesse me comunicar com eles. Eu fico triste! É muito difícil e complicada minha situação.

Depois que você saiu da Instituição de surdos (EDAC), continua tendo contato com acomunidade surda?

O meu contato é pouco, me comunico com alguns amigos surdos, tenho poucos. Também tenho comunicação com

intérpretes da igreja, no momento de cultos e, em nossos encontros de seminários da igreja, no Maanaim.

Como você se sente diante da comunidade surda?

Me sinto muito bem, feliz, porque tenho uma interação da minha língua.

Como você se sente quando não consegue ser compreendido?

Me sinto angustiado, triste, vou logo para o meu quarto. Eu me sinto muito só. As vezes meu coração acelera, sinto uma dor dentro de mim, na alma e não consigo passar isso para minha mãe porque ela não sabe Libras para me compreender, então me isolo. Tenho muito medo de morrer como meu pai. Sinto muita falta dele. Estávamos sempre juntos, ele me compreendia, eu o ajudava na oficina, a gente passeava. Eu não me sentia só, a gente sempre estava interagindo, sorrindo, brincando. Eu gostava muito! Eu gosto de interagir de bater papo, as vezes bato papo com alguns amigos no whatsApp.

O que você gostaria de dizer as famílias ouvintes que tem filhos surdos?

Eu peço que as mães ouvintes que têm filhos surdos, acompanhem o crescimento de seus filhos, mas que entendam que a melhor comunicação do surdo é a Libras, porque é essa a língua do surdo; que também aprendam para poderem se comunicar com seus filhos e ajudá-los nas atividades escolar. Eu sofri muito na questão de atividades da escola, porque em casa minha mãe não conseguia me ajudar nem eu conseguia passar para ela minhas dúvidas devido ao bloqueio de comunicação. Na comunicação em minha casa eu sofro até

hoje, queria ter uma interação em Libras com minha mãe e meu irmão; a gente se comunica com gestos, mímica, eu acabo esquecendo alguns sinais da Libras. Meu pai e eu criávamos sinais para poder ter uma comunicação, mas o correto é a Libras, é a própria língua do surdo.

Eu queria que a sociedade entendesse que o surdo também fala, a diferença de nós para o ouvinte é que vocês usam a boca para falar e, nós surdos usámos as mãos. É muito doloroso não conseguir compreender nem ser compreendido. Se as famílias ouvintes que tem filhos surdos entendessem isso, no futuro tudo daria certo. O bom seria que todos aprendessem a Libras, esse é meu sonho. Eu fico imaginando todos falando com as mãos, médicos, gerente de banco, motoristas e minha família. Todos em geral usando a Libras. Mas depois percebo que é apenas um sonho meu.

Apêndices
Roteiro de entrevista

II - Dados relativos à relação surdo-família/ouvinte e escola.

Questões formuladas a mãe de "Y"

Quando percebeu a surdez de sua filha?

Ela tinha quase 5 anos de idade quando percebi que não falava nada. Como já tem um caso de surdez na minha família, procurei logo uma alternativa, fui ao médico, o qual me sugeriu um implante coclear, mas não aceitei, deixei para que ela escolhesse quando crescesse. Fiquei até surpresa por ela nascer surda como segunda filha, porque meu primeiro filho nasceu normal.

Você falou que tem um caso de surdez em sua família. Quem é?

Sim. Minha mãe.

Qual a primeira escola que sua filha frequentou, regular ou bilíngue para surdos?

Escola regular do município. Ela sofreu muito! Os professores não sabiam Libras, eram cuidadores da sala AEE.

Com quantos anos ela entrou na escola regular?

Ela tinha 5 anos.

Como você se sentiu ao perceber que sua filha sofria na escola normal?

Eu chorei muito e me sentia culpada, angustiada. Minha filha chegava em casa sempre triste, eu ficava arrasada. Eu não sabia que existia Libras nem escola para surdos. Na minha família, minha mãe, eu e meus irmãos, a gente sempre se comunicou com gestos e oralizando, ela lê oslábios. Minha mãe apesar de não ter concluído os estudos, estudou em escola normal, eu acheique era normal colocar minha filha.

Você percebeu alguma diferença no comportamento dela depois que ela entrou na escola bilíngue?

Sim, percebi! Ela estava muito feliz. Começou a fazer amizades e a se comunicar aprendendo os sinais. Lembro que os primeiros sinais que ela aprendeu com uma coleguinha da escola, também surda, foi: mamãe, papai e água. Ela estava muito feliz, realizando o desejo dela que era se comunicar. Não dá para esquecer, ela tinha 6 anos.

Você consegue ajudá-la no contexto escolar?

Algumas vezes sim, outras não. Na verdade sinto dificuldade, mas procuro ajuda.

Hoje como é a interação de vocês, mãe e filha? Ainda existe dificuldade de compreensãona comunicação?

Então, no decorrer do tempo ela aprendeu a ler os lábios, hoje ela oraliza, no meu vê oraliza bem, eu entendo a comunicação. As vezes perco o contexto de uma fala por causa de um sinal que não conheço, mas logo vou no YouTube pesquisar. Minha Libras é básica.

Qual a reação dela quando você perde o contexto da comunicação?

Quando ela repete mais de duas vezes e eu não consigo entender, ela desiste e diz que já me ensinou mais de uma vez e eu sempre esqueço. Ela não gosta muito de repetir.

Como você se sente hoje podendo se comunicar com sua filha?

É uma sensação maravilhosa. Só em lembrar que antes não dialogávamos e hoje estamos nos comunicando. Tou muito feliz! Eu pensava que nunca ia aprender, eu achava a Libras muito difícil. Mas graças a Deus consegui desenrolar. Ainda tenho que aprender muito, eu sei.

Deseja se aprofundar mais na Libras para poder desenvolver mais a comunicação?

Meu tempo é bem corrido, mas desejo muito me aprofundar. Eu fiz apenas dois cursos básicos. Eu aprendo muito com minha filha.

Apêndices
Roteiro de entrevista

II - Dados relativos à relação surdo-família/ouvinte e escola.

Questões formuladas a "Y"

Pode nos contar como você se sentia na escola regular?

Sim, posso. Eu me sentia triste, tinha medo, achava que eu era a única surda, pensava que tinhavindo de outro mundo.

De quê você tinha medo?

Eu via a professora oralizando, eu não entendia nada. Via os outros alunos escrevendo alguma coisa e eu não conseguia, tinha medo de tirar nota baixa. Os outros alunos riam de mim porque eu não falava, porque eu era surda. Então, triste eu pensava: _ De onde eu vim? Por que eles são diferentes de mim? Sofri bullying por ser surda, eu era excluída!

Quando a professora oralizava, o que você imaginava naquele momento?

Eu ficava assustada! Pedia a Deus que me ensinasse a ler os lábios para entender o que ela falava, eu também queria falar. Hoje eu oralizo porque Deus viu meu desespero, aprendi a ler os lábios, eu e minha mãe nos comunicamos em Libras oralizando.

E hoje como você se sente ao descobrir que pode se comunicar com outra pessoa?

Me sinto muito feliz! Desde que descobri a Libras minha vida mudou. Amo a Libras!

Vocês são quatro no lar: você, seu irmão, sua mãe e seu pai. Você consegue entender claramente a comunicação de todos?

Meu irmão e meu pai ainda têm dificuldade de entender, com minha mãe é bem melhor porque nossa comunicação é em libras. Meu irmão sabe alguns sinais da Libras, ele aprendeu comigo. Como meu pai sempre usa gestos, meu irmão acompanha.

No contexto escolar, qual disciplina você tem mais dificuldade e qual mais gosta?

Tenho dificuldade em português, a que mais gosto é matemática. Mas quero aprender melhor o português, me aprofundar. E desejo que a sociedade aprenda a Libras para ajudar os surdos.

Na sua família existe um caso de surdez, sua avó, ela não sabe Libras. Como é essa interação por gestos e mímicas? Você consegue compreendê-la claramente e ela a você?

Ela se comunica por gestos, muita coisa não consigo entender, fica confuso para mim, não consigo entender claramente. Como minha comunicação é só em Libras, não uso gestos, ela não consegue me entender; lê meus lábios, mas como minha fala não é perfeita às vezes ela não me entende, minha mãe é que me ajuda na interação.

Durante essa trajetória que você viveu, o que mais lhe marcou?

Duas coisa que mais me marcou foi: A primeira, foi quando cheguei na EDAC e pude ver pessoas iguais a mim, surdas, estavam se comunicando com as mãos. Achei lindo! Então percebi que eu não era a única surda, pensei em ficar ali para sempre, era o meu mundo; A segunda, foi quando meu irmão se comunicou comigo pela primeira vez em Libras, usando sinais que lhe ensinei. Foi emocionante!

O que você gostaria de dizer as famílias ouvintes que tem filhos surdos?

Eu quero dizer para essas famílias, que compreendam seus filhos surdos, o desejo do surdo é se comunicar, realizem o desejo de seus filhos, aprendam a Libras. Porque nós surdos sofremos quando não conseguimos expressar nossos sentimentos, dói dentro da alma porque nos sentimos só, excluídos. Se vocês se colocarem no lugar de seus filhos surdos vão entendê-los.

Sumário